

MATERIAL DIDÁTICO

Programa Educativo
Fundação Iberê Camargo

ABRAHAM PALATNIK A REINVENÇÃO DA PINTURA

Curadoria

Felipe Scovino
Pieter Tjabbes

A obra de **Abraham Palatnik** (1928) caracteriza-se por uma qualidade inegável: permite não só observar as passagens do moderno ao contemporâneo, mas também estudar e reconhecer uma das primeiras associações entre arte e tecnologia no mundo, um diálogo cada vez mais presente a partir da metade do século XX. Esta exposição ultrapassa os limites da pintura e da escultura modernas, intenção que o artista manifestou claramente nos *Aparelhos Cinecromáticos*, nos *Objetos Cinéticos* e em suas pinturas.

A retrospectiva **Abraham Palatnik — A Reinvenção da Pintura** começa pelas obras nas quais se vê a técnica acadêmica com a qual ele romperia no final da década de 1940 para dedicar-se à arte cinética, caracterizada pelo uso da energia, presente em motores e luzes, com as séries *Aparelhos Cinecromáticos* e *Objetos Cinéticos*.

Essa mudança de rumos na produção de Palatnik ocorreu em um momento decisivo para a arte nacional. Nascia a Bienal de São Paulo, um dos marcos na entrada do país no circuito da arte internacional. Palatnik participou da Bienal de 1951 com um *Aparelho Cinecromático*, uma invenção — tão artesanal quanto engenhosa — de uma pintura feita de luz e movimento.

Se os *Aparelhos Cinecromáticos* criaram uma nova forma de pintar, os *Objetos Cinéticos* podem ser vistos como uma renovação na forma de ocupar o espaço. No lugar dos volumes da escultura, esses aparelhos lúdicos, coloridos e quase sempre motorizados ocupam o espaço com movimento, aproximando a pesquisa de Palatnik das proposições de Alexander Calder e Soto.

Palatnik foi um dos precursores da arte cinética e da arte concreta. Mas também dinamizou a arte concreta, expandindo-a para além de seu campo usual, e integrou-a à vida cotidiana por intermédio do *design*.

O experimentalismo e a organicidade sobrevoam a sua trajetória — em particular na série de obras que utilizam a madeira como suporte e meio, aproveitando os desenhos naturais dos veios dos troncos de jacarandá.

Na década de 1980, o artista inicia outra pesquisa com cor: a criação de telas com cordas coladas para dar volume, e novamente a exploração das cores com a tinta.

Na série *W*, o artista estuda os jogos óticos resultantes do corte (que hoje realiza com *laser*) e subsequente reagrupamento de tiras de madeira pintada, técnica que teve origem na série *Relevos Progressivos* (feitos com papel-cartão) iniciada na década de 1960. Palatnik movimenta as varetas do 'quadro fatiado' no sentido vertical, 'desenhando' o futuro trabalho, construindo um ritmo progressivo da forma, conjugando expansão e dinâmica visual e "explorando o potencial expressivo de cada material".

A produção de Palatnik, apresentada nesta retrospectiva em todas as suas facetas, intriga e encanta: suas obras vão construindo uma narrativa visual marcante e profundamente elaborada sobre os horizontes alargados por ele.

ABRAHAM PALATNIK (1928)

Abraham Palatnik nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, em 1928. Seus pais eram russos de origem judaica que haviam imigrado para o Brasil em 1919. Aos quatro anos, mudou-se com sua família para Tel Aviv. Lá, depois de completar o colégio, estudou mecânica e física, especializando-se em motores de explosão. Paralelamente, frequentou um ateliê livre de arte. Seus trabalhos artísticos iniciais eram desenhos e pinturas de paisagens, naturezas-mortas e retratos.

Palatnik retornou ao Brasil em 1947, instalando-se no Rio de Janeiro, onde logo entrou em contato com o meio artístico local. Aproximou-se de maneira especial do crítico Mário Pedrosa, com quem discutia sobre o papel do artista, a cibernética e teorias da percepção. Em 1948 conheceu, por meio do artista e amigo Almir Mavignier, o trabalho da oficina de arte coordenada pela doutora Nise da Silveira no Hospital Psiquiátrico Pedro II. Fortemente impactado pela produção dos pacientes, Palatnik abandonou a pintura e deu início a experimentações com luz e movimento, aproveitando os conhecimentos sobre máquinas que havia adquirido no exterior. O resultado dessas experiências foi exibido na 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, na qual o aparelho cinecromático *Azul e roxo em movimento* recebeu menção honrosa.

Apesar da proximidade com artistas como Almir Mavignier, Ivan Serpa e Geraldo de Barros, Palatnik não aderiu aos movimentos de viés construtivo formados no Rio de Janeiro durante os anos 50. Ele chegou a participar de algumas exposições do Grupo Frente, mas preferiu se manter afastado de suas discussões teóricas sobre a arte para se concentrar em sua pesquisa sobre o movimento. Suas obras seguintes exploraram os ritmos visuais criados por relevos e as propriedades dos campos magnéticos. Depois de participar da 32ª Bienal de Veneza, em 1964, o artista passou a ser reconhecido internacionalmente como um dos pioneiros da arte cinética, integrando as principais exposições sobre o tema organizadas no período.

Além de seu trabalho artístico, Palatnik também se dedicou à produção de mobiliário, jogos e equipamentos industriais.¹ Em 1954, junto com seu irmão Aminadav, criou a fábrica Arte Viva que durante dez anos produziu móveis como cadeiras, mesas e armários. Durante os anos 70, os irmãos criaram a Silon, empresa voltada para objetos de design com animais como principal tema. Nos últimos anos, destaca-se entre os trabalhos do artista uma pesquisa direcionada para a pintura com recursos não tradicionais. Após muitas décadas de intenso trabalho, Palatnik é reconhecido como um importante precursor da associação entre arte e tecnologia e continua desenvolvendo, até hoje, uma obra que alia rigor e intuição em composições pautadas pela exploração de ritmos, cores e materiais.

¹ Entre suas invenções estão um aparelho para abrir coco sem danificar sua semente, uma máquina para extrair óleo de peixe e uma máquina para encher garrafas com pó para obturação de dentes de maneira mais eficiente, desenvolvida para a firma de seu pai.

² O trabalho de Palatnik é considerado um dos mais importantes da arte cinética, movimento que surgiu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1950, com o Grupo Frente, liderado por Lygia Clark e Hélio Oiticica. O movimento buscava explorar o movimento e a percepção através de obras que mudavam conforme o ponto de vista do observador.

³ O trabalho de Palatnik é considerado um dos mais importantes da arte cinética, movimento que surgiu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1950, com o Grupo Frente, liderado por Lygia Clark e Hélio Oiticica. O movimento buscava explorar o movimento e a percepção através de obras que mudavam conforme o ponto de vista do observador.

⁴ O trabalho de Palatnik é considerado um dos mais importantes da arte cinética, movimento que surgiu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1950, com o Grupo Frente, liderado por Lygia Clark e Hélio Oiticica. O movimento buscava explorar o movimento e a percepção através de obras que mudavam conforme o ponto de vista do observador.

SUGESTÕES DE LEITURA

AMARAL, Aracy (coord.). *Projeto Construtivo Brasileiro na Arte (1950-1962)*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1977. Edição fac-similar, São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, dezembro de 2014.

COCCHIARALE, Fernando; GEIGER, Anna Bella (orgs.). *Abstracionismo geométrico e informal: a vanguarda brasileira nos anos cinquenta*. Rio de Janeiro: Funarte, 1987.

DEMPSEY, Amy. *Estilos, escolas e movimentos*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

LOPES, Almerinda da Silva. *Arte abstrata no Brasil*. Belo Horizonte: C/Arte, 2010.

MELO, Luiz Carlos. *Nise da Silveira: caminhos de um psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Automática, 2014.

MORAIS, Frederico. “Abraham Palatnik: um pioneiro da arte tecnológica”. *Cadernos da Pós-graduação*, 4(1). Campinas, 2000.

SCOVINO, Felipe; TJABBES, Pieter. *Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2015.

SCOVINO, Felipe. *Diálogos com Palatnik*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014.

⁵ O trabalho de Palatnik é considerado um dos mais importantes da arte cinética, movimento que surgiu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1950, com o Grupo Frente, liderado por Lygia Clark e Hélio Oiticica. O movimento buscava explorar o movimento e a percepção através de obras que mudavam conforme o ponto de vista do observador.

⁶ O trabalho de Palatnik é considerado um dos mais importantes da arte cinética, movimento que surgiu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1950, com o Grupo Frente, liderado por Lygia Clark e Hélio Oiticica. O movimento buscava explorar o movimento e a percepção através de obras que mudavam conforme o ponto de vista do observador.

⁷ O trabalho de Palatnik é considerado um dos mais importantes da arte cinética, movimento que surgiu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1950, com o Grupo Frente, liderado por Lygia Clark e Hélio Oiticica. O movimento buscava explorar o movimento e a percepção através de obras que mudavam conforme o ponto de vista do observador.

⁸ O trabalho de Palatnik é considerado um dos mais importantes da arte cinética, movimento que surgiu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1950, com o Grupo Frente, liderado por Lygia Clark e Hélio Oiticica. O movimento buscava explorar o movimento e a percepção através de obras que mudavam conforme o ponto de vista do observador.

⁹ O trabalho de Palatnik é considerado um dos mais importantes da arte cinética, movimento que surgiu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1950, com o Grupo Frente, liderado por Lygia Clark e Hélio Oiticica. O movimento buscava explorar o movimento e a percepção através de obras que mudavam conforme o ponto de vista do observador.

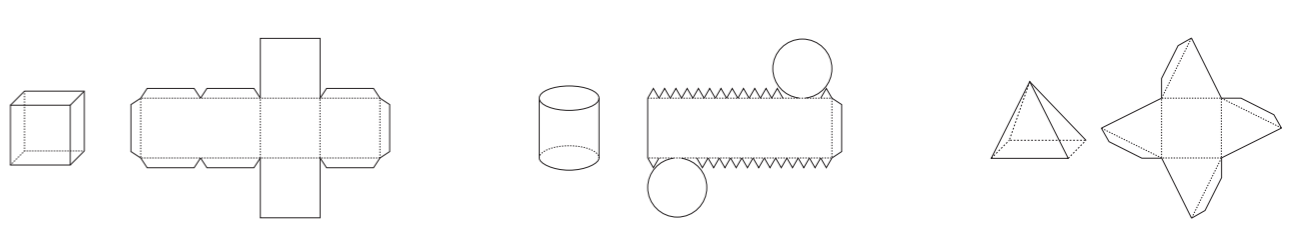
¹⁰ O trabalho de Palatnik é considerado um dos mais importantes da arte cinética, movimento que surgiu no Rio de Janeiro em meados dos anos 1950, com o Grupo Frente, liderado por Lygia Clark e Hélio Oiticica. O movimento buscava explorar o movimento e a percepção através de obras que mudavam conforme o ponto de vista do observador.

ATIVIDADES

Sugerimos aqui algumas atividades a partir da exposição “Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura”. As propostas não estão organizadas por faixa etária, cabendo ao professor escolher aquelas que julgar mais adequadas ao grupo com o qual irá trabalhar.

1. Pintura-escultura

Em muitos de seus trabalhos, Palatnik questiona os limites de categorias artísticas tradicionais como a pintura e a escultura. Isso pode ser observado, por exemplo, na série de progressões em que o artista utiliza tinta sobre ripas de madeira, criando relevos multicoloridos. Proponha à turma uma atividade para explorar os cruzamentos entre essas duas linguagens. Primeiro, os alunos devem produzir, utilizando uma folha de papel como suporte, uma pintura abstrata apenas com manchas ou formas geométricas. Depois que os trabalhos secarem, eles deverão desenhar, no verso de cada folha, o diagrama planificado de um cubo, um cilindro, uma pirâmide ou outro sólido geométrico, como nas ilustrações abaixo.



Os diagramas mostram as formas planificadas para um cubo, um cilindro e uma pirâmide triangular, com linhas tracejadas indicando as dobras e cortes necessários para a montagem.

A seguir, peça que os alunos recortem o papel seguindo as linhas do diagrama e montem o sólido escolhido, deixando o lado da pintura para fora. Nesse momento, converse com a turma sobre o modo como essa transformação afeta a percepção da pintura inicial – ela ainda pode ser apreendida de uma única vez, a partir de um único ponto de vista? Por fim, a última etapa da atividade será a montagem dos trabalhos no espaço da sala de aula. Utilizando as paredes e o chão como suporte, convide a turma a criar uma instalação ou escultura coletiva a partir da aproximação ou do empilhamento dos sólidos produzidos.

2. Luz e pigmento

Os diagramas mostram as formas planificadas para um cubo, um cilindro e uma pirâmide triangular, com linhas tracejadas indicando as dobras e cortes necessários para a montagem.

Ao comentar sobre os aparelhos cinecromáticos, o escritor Rubem Braga destacou as diferenças de comportamento entre a cor como luz e a cor como pigmento, dois elementos muito explorados por Palatnik: “As cores, feitas de luz e não de tinta, são lindas [...]. Elas se combinam de tal maneira como não há possibilidade na pintura comum. As cores luminosas (me explica Abraham) não se misturam nem se sujam, como as de pigmento: elas se fundem”. Proponha aos alunos uma experiência para investigar as diferenças entre as cores produzidas pelas tintas e as cores produzidas pela luz. Inicialmente, utilizando tinta guache e papel, cada um irá construir sua própria paleta de cores. Partindo das cores primárias (azul, vermelho e amarelo), os alunos deverão misturar as tintas para obter as cores secundárias (verde, laranja e roxo) e, depois, combinar as misturas produzidas para criar novas cores e tons.

Em um segundo momento, a experiência será misturar a cor da luz por meio da utilização de filtros de papel celofane. Distribua para a turma papel celofane de diferentes cores e peça que os alunos recortem nele formas geométricas. A seguir, esses recortes de papel devem ser colados na janela da sala de aula, sozinhos ou sobrepostos. Depois que todos os papéis estiverem colados, observe com a turma o modo como esses filtros coloridos interferem na luz que entra no ambiente. O que acontece quando se combina o papel celofane vermelho com o azul, por exemplo? Como variação da atividade, também é possível usar o papel celofane para revestir lanternas e experimentar cruzar as luzes coloridas resultantes. Ao final da atividade, converse com os alunos sobre as diferenças e semelhanças nos resultados obtidos em cada tipo de experiência. Como as cores se misturam, como interferem uma na outra?

3. Reordenação da natureza

Ao observar atentamente a natureza, podemos perceber certa ordem em como as coisas se organizam. No galho de uma árvore, por exemplo, as maiores folhas costumam crescer perto do tronco e as menores nas pontas dos galhos, de forma a favorecer a exposição à luz. Proponha aos alunos uma atividade para explorar, assim como Palatnik faz em seus trabalhos com madeira de jacarandá, a reordenação de elementos da natureza. Percorra com os alunos o pátio ou os arredores da escola para recolher uma coleção de objetos, como folhas secas, pedras ou gravetos. Voltando para sala de aula, converse com a turma sobre o que cada um reuniu. Onde esses objetos foram encontrados? Por que foram escolhidos? A seguir, cada aluno deverá estabelecer uma forma e uma ordem de apresentação para suas peças, utilizando as mesas da sala de aula ou grandes folhas de papel como suporte. Qual item deverá aparecer ao lado ou acima do outro? Qual será o primeiro, e qual será o último? Após observar os arranjos produzidos, converse com a turma sobre o modo como cada um escolheu organizar sua coleção, comparando como os elementos estavam dispostos na natureza e como foram reorganizados pela turma.



Fundação **Iberê Camargo**

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO

Presidente de Honra do Conselho Superior

Maria Coussirat Camargo (*in memoriam*)

Presidente do Conselho Superior

Jorge Gerdau Johannpeter

Vice Presidente do Conselho

Bolívar Charneski

Conselho Superior

Beatriz Johannpeter
Bolívar Charneski
Christóvão de Moura
Cristiano Jacó Renner
Istelita da Cunha Knewitz
Jayme Sirotsky
Jorge Gerdau Johannpeter
Justo Werlang
Lia Dulce Lunardi Raffainer
Mariza Fontoura Carpes Asquith
Renato Malcon
William Ling

Diretoria

Carlos Cesar Pilla
Rodrigo Vontobel
Tulio Milman

Comitê Curatorial

Agnaldo Farias
Eduardo Veras
Fábio Coutinho
Luiz Camillo Osorio

Conselho Fiscal (titulares)

Anton Karl Biedermann
Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna
Pedro Paulo de Sá Peixoto

Conselho Fiscal (suplentes)

Gilberto Schwartzmann
Ricardo Russowski
Volmir Luiz Giglioli

Superintendente Cultural

Fábio Coutinho

Gestão Cultural

Germana Konrath
Luiza Mendonça

Equipe Cultural

Adriana Boff
Carina Dias de Borba
Laura Cogo

Equipe Acervo e Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert
Alexandre Demetrio
Calvin Maister
Gustavo Possamai
José Marcelo Lunardi
Marcela Perlott

Equipe Educativa

Camila Monteiro Schenkel
Bruno Salvaterra Treiguer
Michel Machado Flores
Pedro Telles da Silveira

Mediadores

Andressa Cristina Gerlach Borba
João Luis Elias Moreira Cezar Mallmann
Matheus dos Santos Araújo
Vitória Bemfica Terragno
Vitória dos Santos Tadiello

Equipe de Comunicação

Elvira T. Fortuna
Thaís Leidens

Site e Redes Sociais

Adriana Martorano

Assessoria de Imprensa

Neiva Mello Assessoria
em Comunicação

Equipe Administrativo-Financeira

José Luis Lima
Bruna Zoch
Carolina Miranda Dorneles
Joice de Souza
Maria Lunardi
Roberto Ritter
William Camboim da Rosa

Gestão de Parcerias

Michele Loreto Alves

Consultoria Jurídica

Ruy Remy Rech

TI Informática

Marcio José Schmitt - ME

Manutenção Predial

TOP Service

Segurança

Gocil Serviços de Vigilância e Segurança

Estacionamento

Safe Park

Cafeteria

Press Café

Loja

D'arte

Av. Padre Cacique 2.000
90810-240 | Porto Alegre RS Brasil
tel [55 51] 3247-8000
www.iberecamargo.org.br

Agendamento: [55 51] 3247-8001
agendamento@iberecamargo.org.br

Saiba como patrocinar a Fundação Iberê
Camargo, entre em contato:
tel [55 51] 3247-8000
fundacao@iberecamargo.org.br

Material didático

Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura

Textos

Bruno Salvaterra Treiguer
Camila Monteiro Schenkel
Michel Machado Flores
Pedro Telles da Silveira
Vitória dos Santos Tadiello

Projeto Gráfico e Diagramação

Marina Ayra

Impressão

Gráfica Pallotti

Tiragem

300 exemplares

Ministério da Cultura apresenta

Patrocínio



Realização

Ministério da
Cultura



ABRAHAM PALATNIK

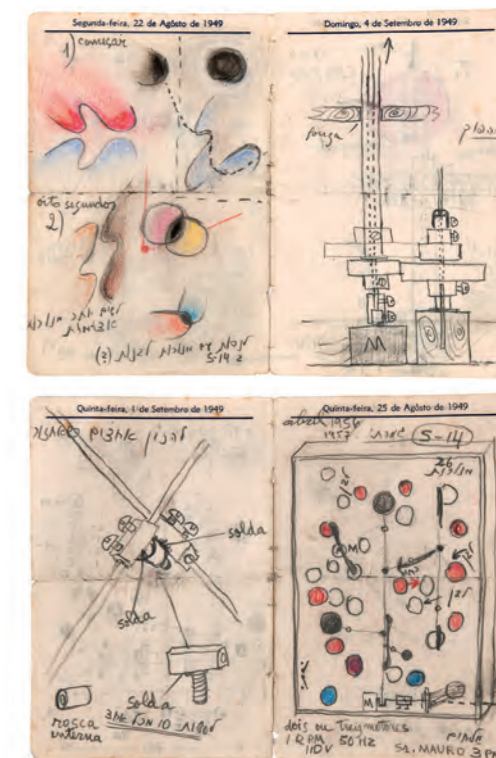
A REINVENÇÃO DA PINTURA

Aparelho cinemático, 1969

Motor, engrenagens e lâmpadas
112 x 70 x 20 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello

Para pensar

Inicialmente, o primeiro aparelho cinemático de Palatnik não foi aceito pela organização da Bienal de São Paulo porque, não podendo ser classificado como pintura, desenho ou escultura, não se enquadraria em nenhuma das categorias da mostra. No entanto, quando a delegação japonesa desistiu de participar, Palatnik foi convidado a entrar em seu lugar e, por fim, teve seu trabalho reconhecido pelo comitê internacional como uma importante manifestação da arte moderna. Converse com os alunos sobre a dificuldade que existe, ainda hoje, em lidar com produções artísticas que escapam das ideias definidas que temos sobre arte. Os alunos já se perguntaram, diante de alguma obra em um museu ou em uma exposição, por que aquilo que estavam vendo era considerado arte? Como complemento, traga para a sala de aula exemplos de obras que representaram um rompimento com conceitos e definições preestabelecidas e discuta sua importância para a ampliação do campo da arte.



Esboços de Aparelhos cinemáticos, 1950/60

15 x 20,1 cm
Arquivo do artista

No final dos anos 40, Abraham Palatnik ampliou o campo de sua pintura ao incorporar a luz, o tempo e o movimento como meios expressivos. Nessa época, o artista retomou conhecimentos de sua formação em engenharia para construir os aparelhos cinemáticos, uma série de 33 obras nas quais uma sequência de lâmpadas coloridas e o movimento de chapas de metal com formas geométricas projetam sobre uma tela translúcida um jogo de cores que se desenrola em contínua mutação.

Em entrevista, o artista comentou o momento em que surgiu a ideia para esse novo tipo de trabalho: “começou com imagens de luz de velas movendo-se nas paredes de um pequeno quarto de meu tio, que me servia de ateliê, num dia de falta de eletricidade”.¹ O primeiro desses aparelhos, concluído em 1951, chamava-se *Azul e roxo em primeiro movimento* e utilizava um motor de ventilador para movimentar suas peças e engrenagens internas em velocidades e direções diferentes. A obra, que marcou uma nova direção para o trabalho do artista e também seu reconhecimento como um dos pioneiros mundiais da arte cinética, foi premiada com uma menção honrosa na 1ª Bienal de São Paulo.

¹ Apud ASBURY, Michael. “Anotações sobre o *Aparelho cinemático* de Abraham Palatnik”. In: SCOVINO, Felipe e TJABBES, Pieter. *Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2015, p. 71.



ABRAHAM PALATNIK

A REINVENÇÃO DA PINTURA

Objeto cinético CK-8, 1966/2005

Tinta, madeira, fórmica, metal, motor e engrenagens
120 x 40 x 40 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello



Objeto cinético, 1986

Tinta industrial, madeira, fórmica, metal e motor
90 x 96 x 23 cm
Coleção Museu de Arte Moderna de São Paulo; aquisição Fundo
para aquisição de obras para o acervo MAM - Pirelli
Foto: Romulo Fialdini

Para pensar

Converse com seus alunos sobre as diferenças entre os ritmos da natureza e das máquinas. Como eles representariam, por exemplo, o movimento de uma árvore em um dia ventoso, de um cavalo, de um beija-flor e de um caracol? E o que poderia caracterizar o movimento de máquinas como um trem, um avião ou um barco? Dependendo da faixa etária do grupo, a conversa pode ser direcionada para as relações entre o tempo da natureza e o tempo do mundo moderno. As máquinas aceleram ou retardam a noção que temos do tempo que passa? O mundo com máquinas deixou nossa vida com mais tempo livre ou estamos mais ocupados?

O cinetismo é explorado de diferentes formas na produção de Abraham Palatnik, aparecendo tanto em obras em que o movimento está na percepção do espectador, quanto em obras que realizam uma ação mecânica, como é o caso dos aparelhos cinescromáticos e objetos cinéticos. Apesar de ambas as séries serem desenvolvidas a partir de recursos tecnológicos semelhantes, seus desdobramentos poéticos são diferentes. Se, na primeira, o artista se concentrou em explorar as possibilidades da luz em movimento, na segunda, sua pesquisa se voltou para o movimento em objetos e sua realização no espaço.

Criados a partir de 1964, os objetos cinéticos são movidos por motores ou eletroímãs que acionam hastes de diferentes formatos e tamanhos com formas geométricas em suas extremidades. Em muitas dessas peças, a parte eletrônica que realiza o movimento da obra fica parcialmente visível, deixando mais evidente a relação entre arte e tecnologia presente na poética do artista. Por outro lado, o tempo em que seus objetos funcionam foge da noção que temos do tempo de uma máquina, o tempo mecânico, pois cada forma que os compõe tem seu ritmo próprio e movimenta-se lentamente em direções distintas das demais. Por esse motivo, o movimento desempenhado pelos objetos cinéticos de Palatnik parece ser carregado de espontaneidade, tornando difícil associá-los a algo automático.

ABRAHAM PALATNIK

A REINVENÇÃO DA PINTURA

Sem título, 1969

Madeira jacarandá
37 x 50,5 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello



Sem título, 1966

Madeira jacarandá
38 x 29,5 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello

Para pensar

Nos trabalhos em jacarandá, Palatnik toma como ponto de partida um material encontrado na natureza. Porém, quando pensamos nos objetos que nos cercam, todos, de certa maneira, foram retirados da natureza, mesmo que tenham passado por uma série de transformações até assumir sua forma finalizada. Converse com seus alunos sobre os objetos encontrados, por exemplo, na sala de aula. O que foi utilizado para fazer esses objetos? E fora da escola? Como podemos relacionar o espaço urbano com o que chamamos de “natureza”?

Os trabalhos de Abraham Palatnik realizados com madeira de jacarandá tiveram início quando o artista observou, em uma serraria, sobras desse material que não poderiam ser reaproveitadas para a manufatura de móveis. Palatnik, valendo-se da capacidade expressiva desse material orgânico, decidiu reorganizar suas formas, conferindo-lhe uma espécie de disciplina rítmica capaz de produzir a sensação de movimento que caracteriza a sua obra.

Selecionando, cortando e reordenando tiras desse material, o artista cria ondulações e manchas geométricas a partir dos veios e nós da madeira. Em sua obra, natural e artificial não são vistos como esferas opostas, mas sim complementares. Colocando-as em diálogo, Palatnik evidencia a presença da natureza como elemento da cultura e nos convida a refletir sobre o modo como a percebemos e modificamos. Para o artista, a função da tecnologia não seria se opor ou dominar o ambiente natural, mas resolver os problemas do homem e promover a sua integração com o meio em que vive.¹

¹ PALATNIK, Abraham. “Tecnologia e arte” (1984). In: SCOVINO, Felipe e TJABBES, Pieter. *Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2015.

ABRAHAM PALATNIK

A REINVENÇÃO DA PINTURA

Sem título, 1981

Cartão cortado
47 x 47 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello



Sem título, 1979

Metal cortado
35,3 x 19,2 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello

Para pensar

Palatnik compartilha com os movimentos vanguardistas brasileiros das décadas de 1950 e 1960 a ideia de que a obra de arte não pode ser reduzida à sua mensagem, mas que o objeto artístico se impõe, por sua forma, funcionalidade ou material, sobre o espectador, demandando sua atenção. Essa ideia está relacionada com a tentativa de encontrar espaço para uma arte que não mais *represente* o mundo mas que se *apresente* como parte dele. No caso de Palatnik, isso se dá como uma investigação das potencialidades intrínsecas aos materiais. Converse com seus alunos sobre suas reações a diferentes obras de arte e os modos como procuramos entendê-las. Certas obras, por exemplo, utilizam elementos narrativos e a representação para contar uma história, enquanto outras simplesmente apresentam um material ou um objeto deslocado de seu uso cotidiano. Quais definições de arte estão por trás dessas formas bastante diferentes de se vivenciar a experiência estética? Como os alunos se relacionam com cada uma delas?

Ao comentar suas obras com papel cartão, Abraham Palatnik afirmou que procura “aprofundar ao máximo toda a potencialidade” dos materiais que utiliza.¹ Nessa série de trabalhos desenvolvidos a partir do final da década de 1960, lâminas de cartão são empilhadas e coladas de forma a ganhar volume e depois cortadas longitudinalmente, gerando relevos. As incisões retas ou sinuosas na lateral das pilhas fazem a luz incidir de modo variado sobre a superfície das obras, cuja percepção varia conforme a posição do espectador.

Nesses trabalhos, em vez de utilizar o papel como suporte para um desenho ou uma pintura, Palatnik o toma como meio que possui uma materialidade própria, a qual se impõe sobre o artista, mas também se presta a ser manipulada por ele. Papel cartão, ripas de madeira, barbante, fórmica, além dos motores dos aparelhos cinemáticos, são todos objetos e materiais pertencentes ao cotidiano, muitas vezes precários, que assumem novo significado na obra do artista, adquirindo propriedades e formas inesperadas.

¹ Em COCCHIARALE, Fernando; GEIGER, Anna Bella (orgs.). *Abstracionismo geométrico e informal: a vanguarda brasileira nos anos cinquenta*. Rio de Janeiro: Funarte, 1987, p. 128.

ABRAHAM PALATNIK

A REINVENÇÃO DA PINTURA

Sem título, 1984

Acrílica e corda sobre tela
100 x 100 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello



Para pensar

Na série *W* e nas pinturas realizadas com corda, Palatnik apresenta obras que podem ser percebidas pelo espectador de diferentes formas. Se nos movemos diante delas, temos a sensação de que estão em movimento, se ficamos parados observando-as, percebemos sua pintura de outra forma. Converse com a turma sobre diferentes maneiras com as quais podemos apreciar obras de arte. Quanto tempo eles costumam ficar parados de pé diante de um quadro em uma exposição? Será que todas as obras são feitas para serem observadas desse modo? Qual a melhor forma para examinar uma escultura, uma instalação, uma performance? E como os alunos sugerem que as pinturas e os objetos cinéticos de Palatnik sejam observados?



Autorretrato, 1945

Óleo sobre tela
45,8 x 30 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello

No começo de sua produção artística, Abraham Palatnik realizou paisagens, naturezas-mortas, retratos e autorretratos. Essas obras começaram a ser produzidas quando o artista ainda vivia na Palestina, onde frequentou por quatro anos um ateliê livre de arte no qual estudou desenho, pintura e estética. Quando retornou para o Brasil em 1948, Palatnik ainda realizava pinturas. No entanto, as conversas com o crítico de arte Mário Pedrosa e o impacto causado pelo contato com a produção artística de pacientes do Hospital Psiquiátrico Pedro II¹ o fizeram abandonar a figuração e trocar os pincéis por motores, porcas, parafusos e luzes na construção de suas primeiras obras cinéticas.

Enquanto desenvolveu seus aparelhos, o artista não deixou de experimentar outros suportes e materiais para a criação de suas obras, chegando, em alguns casos, a voltar a utilizar tinta sobre tela. Um exemplo é a série de progressões com cordas exibidas a partir de 1981. Unindo cores contrastantes ou utilizando apenas o branco, Palatnik realizou pinturas nas quais o volume e o desenho das linhas, proporcionados pela utilização do barbante, criam um ritmo que se realiza no olhar do espectador.

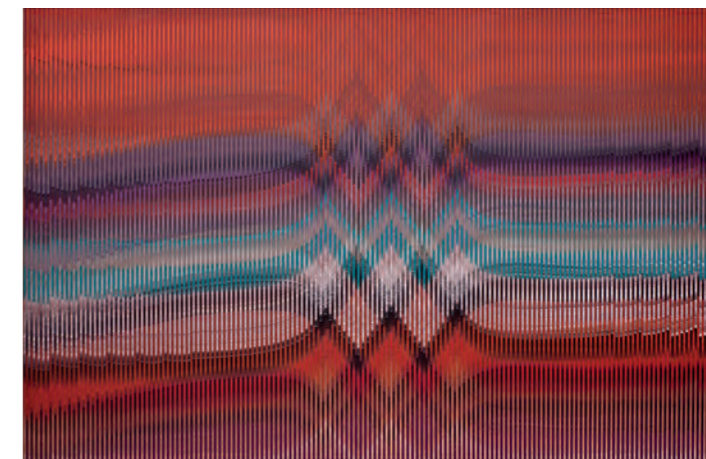
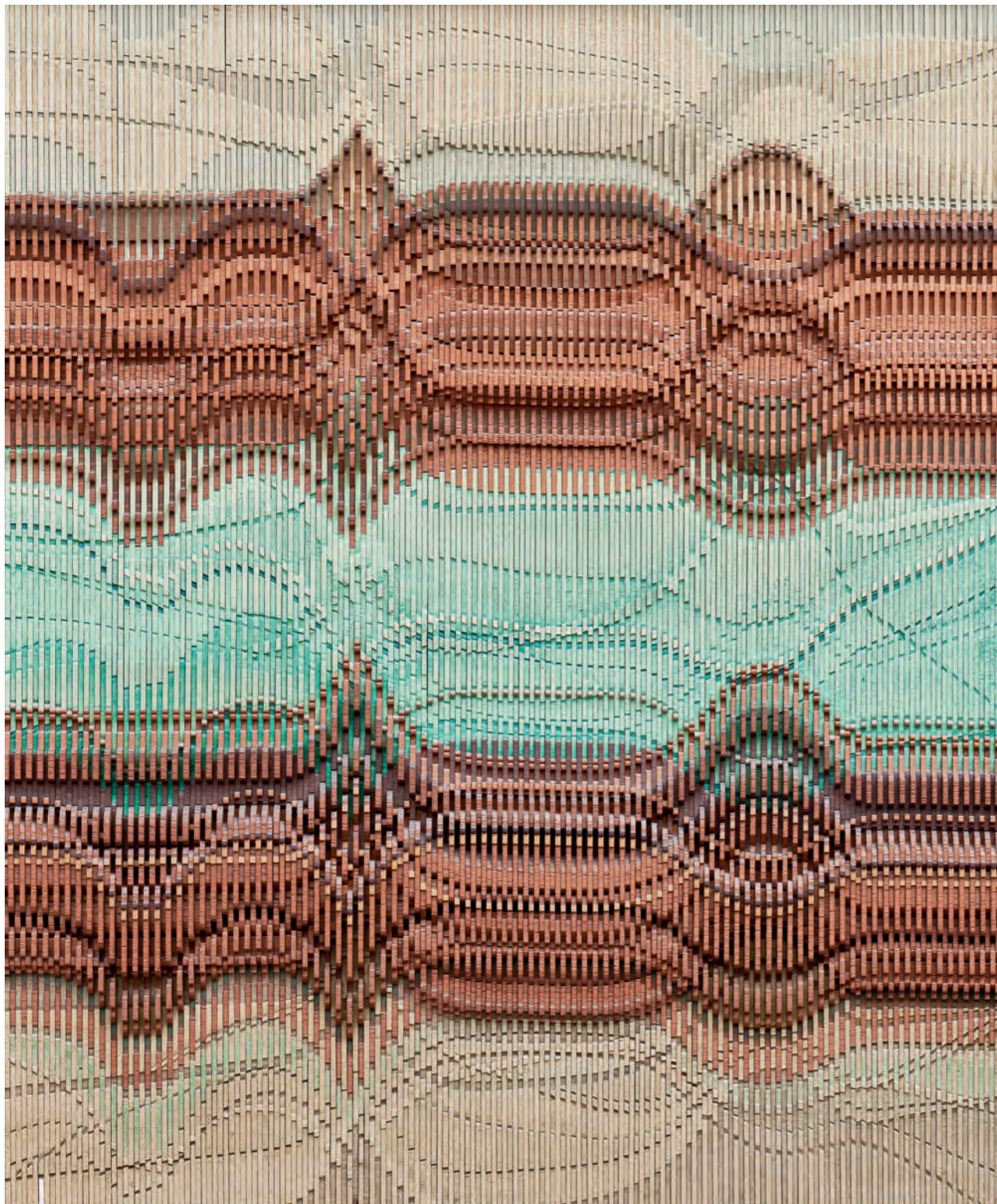
¹ Abraham Palatnik foi convidado pelo amigo e artista Almir Mavignier a conhecer o trabalho dos usuários do Serviço de Terapia Ocupacional do Hospital Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro. Mavignier foi monitor do ateliê de pintura e modelagem desde sua inauguração, em 1946, até 1951, quando foi estudar na Europa. O serviço foi criado pela Dra. Nise da Silveira, pioneira no uso da pintura e do desenho no tratamento psiquiátrico. Sobre essa experiência Palatnik comenta: "Ao me deparar com a produção de alguns internos, meu castelinho ruiu. Já tinha segurança no manejo de tintas e pincéis, me sentia confortável com o que sabia e, de repente, me vi diante de gente que nunca havia estudado, que não passara por nenhum tipo de aula, produzindo obras de linguagem complexa e profunda". (Apud MORAIS, Frederico. "Abraham Palatnik: um pioneiro da arte tecnológica". *Cadernos da Pós-graduação*, Campinas, 4(1):10, 2000).

ABRAHAM PALATNIK

A REINVENÇÃO DA PINTURA

Sem título, 1978

Óleo sobre ripas de madeira
54 x 45 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello



W-432, 2012

Acrílica sobre madeira
109,2 x 170,1 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello

Para pensar

Ao comentar sobre seu processo de trabalho, Palatnik destacou que, mesmo tendo um ponto de partida definido, suas obras estão abertas ao acaso e às transformações. Converse com a turma sobre esse equilíbrio entre planejamento e imprevisibilidade. Isso é visível em outros trabalhos do artista? Por que será que, depois de estudar e planejar uma pintura inicial, Palatnik muda a forma final de sua obra? Peça que os alunos observem as pinturas reproduzidas nesta lâmina e tentem imaginar como eram as composições que deram origem a elas.

Abraham Palatnik sempre se considerou um pintor, embora, ao longo dos anos, a forma como essa técnica artística aparece em seu trabalho tenha mudado radicalmente.¹ Após explorar materiais não tradicionais como a luz, a madeira e o papel cartão, o artista retomou a tinta a óleo na série de pinturas sobre ripas de madeira realizadas a partir dos anos 70. Essas obras, no entanto, também podem ser vistas como parte de um processo maior de ampliação da ideia de pintura a partir de procedimentos compositivos que misturam arte e tecnologia, precisão e acaso.

Em trabalhos como *Sem título*, de 1978, Palatnik realiza uma pintura abstrata que é fatiada em tiras que são posteriormente reorganizadas de forma a criar ritmos visuais por meio da fragmentação das cores e das formas da composição preliminar. Essas obras, portanto, envolvem um projeto, uma ideia inicial, mas quando as faixas são combinadas, sua organização está aberta a transformações. Como explica o artista, na hora da produção final, tudo pode mudar: “eu faço os projetos, deixo amadurecer um pouco e assim surgem as possibilidades de modificar uma coisa ou outra”.²

¹ PALATNIK, Abraham. “Entrevista”. In: SCOVINO, Felipe e TJABBES, Pieter. *Abraham Palatnik: a reinvenção da pintura*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2015, p. 43.

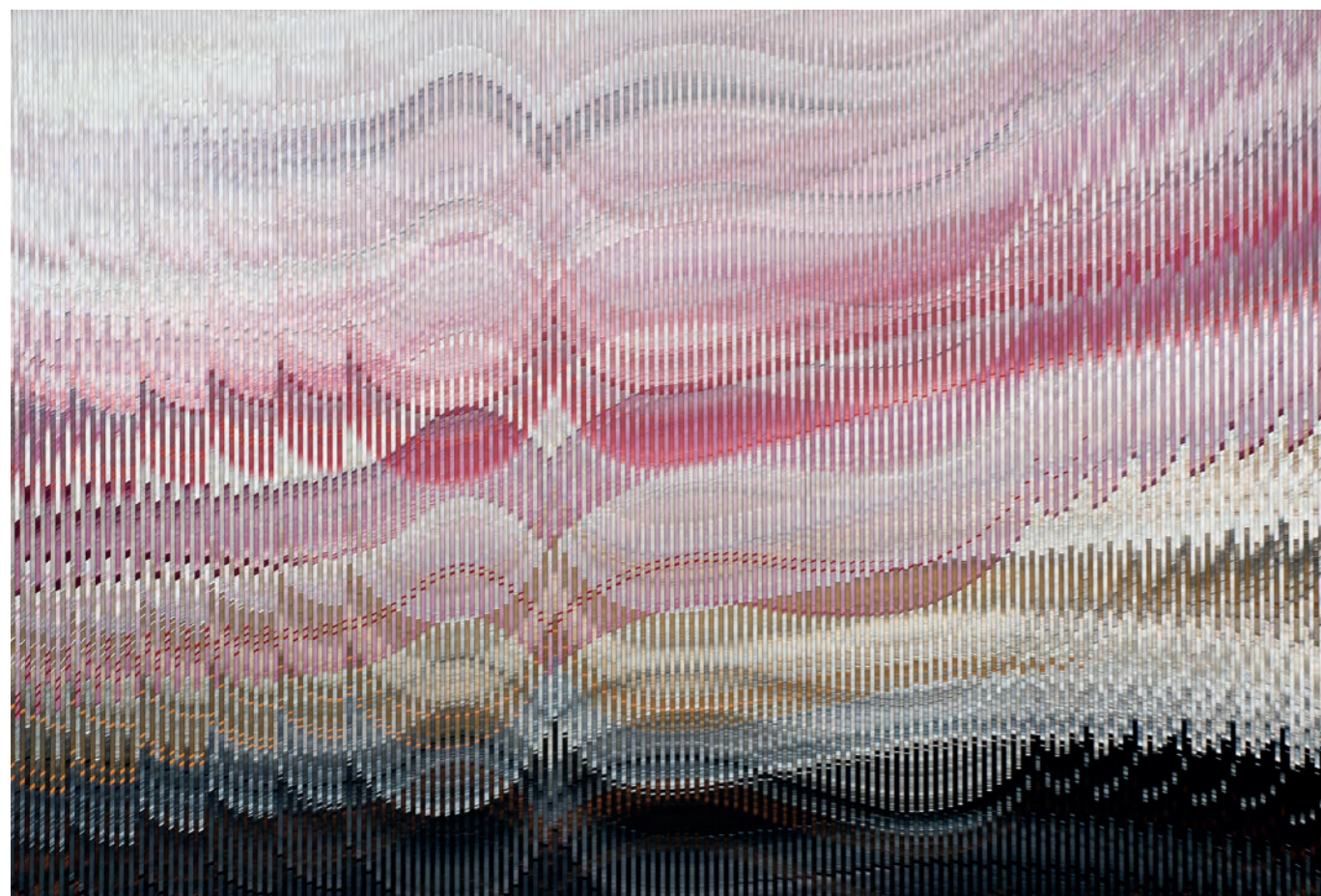
² *Ibid.*, p. 44.

ABRAHAM PALATNIK

A REINVENÇÃO DA PINTURA

W-282, 2009

Acrílica sobre madeira
103,5 x 153 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello



Aparelho cinemático em construção, 2004

Foto: Vicente de Mello

Para pensar

A palavra *arte* é uma tradução da palavra grega *tekhné*, origem das palavras *técnica* e *tecnologia*. Associada à arte, *técnica* indicava um conjunto de habilidades que eram adquiridas pelo exercício constante e repetido. Nos ofícios medievais, o artesão começava como aprendiz de um mestre já estabelecido e completava sua formação quando, após dominar todos os conhecimentos técnicos, realizava seu primeiro trabalho por conta própria, a chamada “obra-prima”. Com o processo de autonomização da arte, esses aspectos artesanais associados à boa execução de um trabalho foram relegados a segundo plano em favor da *ideia* por trás da obra de arte. Converse com sua turma sobre a percepção dos alunos em relação à arte e ao processo de criação das obras de arte. Qual a importância da qualidade de execução e do domínio de conhecimentos técnicos para o campo da arte hoje em dia? Um artista precisa saber desenhar, pintar ou fabricar sozinho suas obras? E como os trabalhos de Palatnik se relacionam com o sentido original da palavra *arte*, no qual as ideias e os aspectos técnicos da execução de uma obra tinham a mesma importância?

Abraham Palatnik começou suas obras cinéticas quando estava hospedado num pequeno cômodo da casa de um de seus tios, na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, quando passou para seu próprio apartamento, sua atividade artística lhe fez avançar pela casa, espalhando-se de um cômodo a outro, até que todo o apartamento se convertesse em ateliê. Essa progressiva invasão da casa, espaço de vivência cotidiano, pelo ateliê, ambiente de trabalho do artista, expressa uma das maneiras pelas quais obra e vida acabam por se misturar em sua produção. A aproximação entre as duas esferas também transparece na escala de confecção de seus trabalhos, pois embora utilize objetos e materiais que remetem à atividade industrial, Palatnik mantém sua obra atrelada aos ritmos do dia a dia, realizando seu trabalho como um artesão, sem o auxílio de ajudantes.

A recente série *W* apresenta uma pequena mudança nesse panorama. Em suas pinturas com ripas anteriores, as tiras de madeira eram cortadas manualmente pelo artista, com o auxílio de uma serra de fita. Recentemente, no entanto, essa parte do trabalho passou a ser feita por uma empresa especializada em corte a *laser*. Tal mudança conferiu mais rapidez e precisão ao processo, permitindo a obtenção de tiras mais finas. Ainda assim, a série *W* preserva a escala artesanal que caracteriza o fazer poético do artista, pois é ele mesmo quem ordena, em sua casa-ateliê, as peças de madeira cortadas e pintadas para compor os quadros finais.

ABRAHAM PALATNIK

A REINVENÇÃO DA PINTURA

Mesa, década de 1950

Tinta friável sobre vidro
36 x 72 x 72 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello



Poltrona, década de 1950

Tinta friável sobre vidro
65 x 57 x 80 cm
Coleção do artista
Foto: Vicente de Mello

Para pensar

Os movimentos de renovação artística observados na Europa na primeira metade do século XX procuraram aproximar a arte da vida, criticando o modo como ela estava restrita a uma elite financeira e cultural capaz de frequentar museus e galerias e adquirir obras de arte. Correntes como o construtivismo, o concretismo e a Bauhaus defenderam uma aliança da arte com a tecnologia e a indústria em prol da transformação da sociedade, propondo a aplicação de suas ideias a objetos, peças gráficas, mobiliário e moda. Nos anos 50, essas ideias também ganharam espaço no Brasil por meio da atuação de artistas como Geraldo de Barros, Amílcar de Castro e Palatnik. Além do contato com obras em museus e exposições, de que outras formas a arte pode estar presente em nosso cotidiano? Ainda podemos perceber, hoje em dia, uma tentativa de aproximação entre o campo da indústria e o da arte?

Os agrupamentos de tendência construtivista que surgiram no Rio de Janeiro e em São Paulo durante a década de 1950 representaram um marco de modernização e internacionalização da arte brasileira, que até então estava mais voltada para questões de identidade regional e nacional. Afinados com as correntes de arte abstrata geométrica europeias, esses artistas defenderam uma arte que fosse capaz de romper com a representação para aproximar-se da visualidade e dos procedimentos do mundo moderno, transformando o modo como as pessoas se relacionam com ele.

Apesar de não ter se filiado a nenhum dos grupos artísticos do período, Palatnik também acreditava que a sensibilidade e a intuição do artista poderiam ser utilizadas para resolver problemas de outros campos, como a indústria e a ciência. A criação da Arte Viva, em 1954, é um indicativo desse desejo de integrar a arte à vida cotidiana. A empresa, estabelecida junto com seu irmão Aminadav, produziu ao longo de dez anos peças de mobiliário como cadeiras, poltronas e sofás. Os móveis desenhados pelo artista muitas vezes eram transformados pela incorporação de pinturas em superfícies de vidro, como podemos observar na mesa reproduzida nesta lâmina. O tampo com manchas e formas geométricas em cores contrastantes da peça ajuda a romper com a sobriedade das linhas de sua estrutura, transformando-a em uma rica experiência sensorial.